

UMA CONFRARIA DA INQUISIÇÃO
a irmandade de S. Pedro Mártir
(breves notas)

por
Paulo Drumond Braga*

1. Associações criadas e constituídas por clérigos, por leigos ou por ambos e tendo como objectivos a assistência mútua entre os seus membros e bem assim a prática de obras pias e o culto do santo patrono, as confrarias surgiram um pouco por todo o lado na Europa dos séculos IX-X, sendo o seu período áurea a centúria ducentista, graças ao influxo do Franciscanismo.

Quer no campo, quer na cidade, mas sobretudo nesta, protegiam o homem medieval do perigo do isolamento num meio hostil e, simultaneamente, subtraíam-no a uma colectividade demasiado absorvente, em que as solidariedades verticais imperavam e em que as relações de dependência se mostravam incapazes já de satisfazer as necessidades dos povos.

Geralmente de carácter sócio-profissional (de cavaleiros, de carpinteiros, de escudeiros, de clérigos, de pescadores), praticavam no seu interior preceitos evangélicos de irmandade e coordenação, ajudando o confrade que estivesse preso ou cativo, o que quisesse peregrinar, o que fosse ferido na guerra, o que adoecesse ou se encontrasse moribundo e mesmo o que já falecera. Em suma, praticavam

* Doutor em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa.

o amor ao próximo, em vida, na altura da morte e após esta ¹.

No século XVI, com as misericórdias, a fronteira entre a nova instituição, única na Europa e as antigas confrarias, é pouco clara, resultando mesmo muitas misericórdias da absorção de confrarias medievais. O século XVI foi, contudo, uma época áurea na história das confrarias, pois em meados da centúria existiam em Lisboa 181 destas instituições, rendendo 10 mil cruzados por ano de esmolos. Noutros espaços do Reino e até no Ultramar a situação não seria muito diferente. Por exemplo, em Goa, até 1621, nasceram 37 confrarias. Tal como na Idade Média, era a lógica corporativa que presidia à constituição destas agremiações ². A irmandade de S. Pedro Mártir constituía um caso à parte. Observemos com um pouco mais de pormenor a sua génese.

2. S. Pedro Mártir ou S. Pedro de Verona nasceu em Verona, no seio de uma família herética. Frequentou o estudo de Bolonha e entrou na Ordem de S. Domingos, por volta de 1221-1222. Em 1232, foi para Milão como enviado papal, criando a *Società della Fede o dei Fedeli* e a *Societas Beatae Mariae Virginis*, com o objectivo de defender a ortodoxia contra a heresia. Prior em Asti, em 1240 e em Piacenza, no ano seguinte, pregou em Florença por volta de 1244-1245. Em 1251 partiu como enviado papal para Cremona, tendo ainda sido, nesse mesmo ano, inquisidor pontifício em Como e Milão. A sua energia na pregação e na forma de fazer aplicar o édito papal contra a heresia, suscitaram a revolta dos gibelinos e dos cátaros, que o assassinaram quando ía de Como a Milão, a 6 de Abril de 1252. Foi canonizado por

¹ Iria Gonçalves, "Formas medievais de assistência num meio rural", in id., *Imagens do Mundo Medieval*, Horizonte, Lisboa, 1988, pp. 53-68; id., "As confrarias medievais da região de Alcanena", *Boletim do Centro de Estudos Históricos e Etnológicos*, vol. IV, Ferreira do Zêzere, 1989, pp. 9-96; Maria José Pimenta Ferro Tavares, "Para o estudo das confrarias medievais portuguesas: o compromisso de três confrarias de homens-bons alentejanos", *Estudos Medievais*, n.º 8, Centro de Estudos Humanísticos da Secretaria de Estado da Cultura, Porto, 1987, pp. 55-72; id., *Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média*, Presença, Lisboa, 1989, pp. 101-124; Maria Ângela Beirante, *Confrarias Medievais Portuguesas*, s.n., Lisboa, 1990; Paulo Drumond Braga, *Setúbal Medieval (Séculos XIII a XV)*, dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, exemplar mimeografado, Lisboa, 1991, pp. 432-441.

² Francisco Bethencourt, "Os equilíbrios sociais do poder", in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. III (*No Alvorecer da Modernidade. 1480-1620*), coord. Joaquim Romero Magalhães, Estampa, Lisboa, 1993, pp.151-153.

Inocência IV a 23 de Março do ano seguinte, jazendo na capela de S. Eustáquio de Milão ³.

S. Pedro de Verona foi um dos exemplos de canonização extremamente rápida e cujo culto o Papado impulsionou no século XIII, tal como, por exemplo, S. Tomás Becket, igualmente assassinado, em 1170 ⁴. Contudo, a canonização do inquisidor não deixou de ser contestada ⁵.

3. S. Pedro Mártir, morto no desempenho das suas funções de luta contra a heresia, tornou-se um dos patronos da Inquisição, juntamente com S. Domingos, o fundador dos Dominicanos. A sua imagem surgia nos estandartes do tribunal, bem como em alguns éditos da fé e cartas de nomeação de ministros e familiares ⁶.

Depois do assassinio de S. Pedro Mártir, a *Società della Fede* torna-se *Societas Sancti Petri Martyris*, sendo os seus membros conhecidos como *crocesignati*. Após um período de refluxo, foi reactivada pelo inquisidor de Bolonha, Conrado da Alemanha, por volta de 1450. Clemente VII concedeu-lhe vários privilégios em 1530, o mesmo tendo feito Pio V em 1570 e Paulo V em 1611 ⁷. Nasceu assim a confraria de S. Pedro Mártir.

Era destinada exclusivamente a membros da Inquisição, que

³ Adele Redigonda, “Pietro de Verona, Santo”, *Enciclopedia Cattolica*, vol. IX, Libro Catolico e Enciclopedia Cattolica, Vaticano, 1952, cols. 1450-1451; Gilles Gerard Meersseman, “Le confraternite di San Pietro Martire”, in id., *Ordo Fraternalitatis. Confraternite e Pietà dei Laici nel Medioevo*, vol. II, Herder, Roma, 1977, pp. 754-757, *passim*; Grado G. Merlo, “Pietro di Verona - S. Pietro martire. Difficoltà e proposte per lo studio di un inquisitore beatificato”, in *Culto dei Santi Istituzioni e Classi Sociali in Età Preindustriale*, dir. Sofia Boesch Gajano e Lucia Sebastiani, Japadre Ed., Roma, 1984, pp. 471-488.

⁴ André Vauchez, *La Sainteté en Occident aux Derniers Siècles du Moyen Âge d'après les Procès de Canonisation et les Documents Hagiographiques*, École Française de Rome, Roma, 1981, p. 128.

⁵ *Ibid.*, p. 482.

⁶ Francisco Bethencourt, *História das Inquisição. Portugal, Espanha e Itália*, Temas e Debates, s. t., 1996, pp. 84-88. Em Portugal, a bandeira da Inquisição, que tinha a imagem de S. Pedro Mártir, com a legenda *Pro sancto munere martirii palmam meruit obtinere*, ou seja, “pelo santo múnus mereceu obter a palma do martírio”, foi exibida pela primeira vez aquando de um auto da fé celebrado em Évora, a 14 de Maio de 1623. Cfr. António Borges Coelho, *Inquisição de Évora. Dos Primórdios a 1668*, vol. I, Caminho, Lisboa, 1987, p. 69.

⁷ Gilles G. Meersseman, *ob. cit.*, pp. 772-778, *passim*; Francisco Bethencourt, *ob. cit.*, pp. 89-90.

rezavam pelos confrades já falecidos, visitavam os doentes e celebravam anualmente a festa de S. Pedro Mártir e a da Exaltação da Santa Cruz, ali exibindo o vestuário cerimonial, as insígnias e os estandartes ⁸.

Em Itália teve uma constituição mais ou menos de base, mas em Espanha e Portugal a iniciativa coube aos organismos centrais da Inquisição e as confrarias nunca estiveram, como em Itália, dependentes dos bispos, mas sim apenas do Santo Ofício. Na altura em que surgiram na Península Ibérica (primeira metade do século XVII), houve uma reorganização da rede dos familiares em certas zonas, ligando-se esse movimento à constituição das confrarias. De facto, em 1604, o Consejo Supremo ordenou a criação da confraria em Espanha. Portugal seguiu de perto o ritmo do reino vizinho. Em 1615 em Goa estava-se tentando a organização, mas em Lisboa a confraria já existia há algum tempo. Em Coimbra surgiu em 1620 ⁹. O compromisso foi mandado redigir pelo inquisidor geral D. Francisco de Castro, sendo a versão que conheço, manuscrita, de 1632. Aqui se prescrevem todas as normas do funcionamento da confraria, desde a ressalva que se reservava apenas a elementos pertencentes ao Santo Ofício ¹⁰, até aos corpos que a constituiriam, aos objectivos a que se propunha, à forma como se deveriam dar as esmolas e às solenidades a que se achariam ligada ¹¹.

Em Espanha e Portugal, as confrarias de S. Pedro Mártir tinham, como as suas congéneres italianas, a missão de acompanhar os enterros dos confrades, rezar pelas suas almas e assegurar a celebração das festas anuais, mas também visitar os presos da Inquisição, assegurar o acompanhamento da publicação dos éditos da fé, bem como os cortejos e procissões dos autos da fé ¹².

Na Inquisição de Lisboa, a confraria de S. Pedro Mártir tinha a sua sede na igreja de S. Domingos, mais concretamente na capela do

⁸ Francisco Bethencourt, *ob. cit.*, p. 90.

⁹ *Ibid.*, pp. 90-91.

¹⁰ Apesar disso, em Coimbra, em 1620, chegou-se a dar licença a “todos e quaisquer christãos velhos que da limpeza do seo sangue deram tam inteira proua e exacta abonação, como se requer pera os familiares e ministros da Santa Inquisição” a poderem integrar a confraria, uma vez que se havia notado que os familiares e ministros não eram em número suficiente para poder manter a agremiação “com a decencia e autoridade que conuem” (Lisboa, Biblioteca Nacional, cod. 668, fols. 181-182).

¹¹ B.N., cod. 4444.

¹² Francisco Bethencourt, *op. cit.*, p. 92.

Senhor Jesus e da Virgem do Rosário. Ali se colocava, nos dias 28 e 29 de Abril, véspera e dia em que se celebrava o mártir, uma imagem de prata que se guardava no palácio dos Estaus. A 28, o Santo Ofício realizava uma solenidade. Os inquisidores deputados, bem como todos os familiares e oficiais, com o inquisidor geral à testa, assistiam às vésperas. Nesse dia e no seguinte os familiares traziam a venera própria da sua função. A 29, havia missa e pregação com a presença do inquisidor geral. A igreja ornava-se, distribuindo o mordomo ramalhetes de flores aos que assistiam ao acto ¹³.

4. Na Torre do Tombo, conservam-se vários livros, no cartório da Inquisição, respeitantes à confraria de S. Pedro Mártir. Tratam-se de listas de confrades, termos de eleições da mesa e relações de esmolos, que abarcam os três tribunais que existiram no Reino, Lisboa, Évora e Coimbra ¹⁴.

Na impossibilidade prática de proceder a um tratamento global de todos esses livros, optei por seleccionar o assunto particular das esmolos dadas pelos confrades das três Inquisições, ao longo do ano de 1692 (o primeiro de que há registos para a Inquisição de Lisboa, embora não no caso das demais).

No compromisso de 1632 dizia-se que as esmolos deveriam ser efectuadas todos os anos pelos confrades e a dos ministros era usualmente de valor superior à dos familiares. Destinavam-se a ajudar a pagar as missas a celebrar nos dias santos, os ofícios dos defuntos e a cera da irmandade, bem como o ordenado do andador e pedidor ¹⁵.

¹³ Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, introd. e rev. M. Lopes de Almeida, vol. I, Lello, Porto, 1977, p. 365; *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, tomo I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1950, pp. 96-97.

¹⁴ Maria do Carmo Jasmins Dias Farinha, *Os Arquivos da Inquisição*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, 1990, pp. 168, 221 e 269, onde, na identificação do conteúdo dos livros, se cometem alguns lapsos, por exemplo, indicando como de receitas e despesas livros que são apenas de esmolos ou então de esmolos e de eleições da mesa da confraria. Aliás, ao contrário do que a autoria indica, a irmandade não é de S. Pedro Mártir ou de Arbues (*Sic*). Este último, igualmente venerado pela Inquisição, só foi, todavia, canonizado em 1867, não podendo, pois, ser, nos séculos XVII e XVIII, referido como santo. Trata-se de Pedro Arbués (1442-1485), que desempenhou as funções de primeiro inquisidor de Aragão, tendo sido assassinado quando pregava, na noite de 14 de Setembro de 1485. Sobre a sua figura, cfr. Angel Alcalá, *Los Orígenes de la Inquisición en Aragón. S. Pedro Arbués, Mártir de la Autonomía Aragonesa*, Diputación General de Aragón, s.l. [Saragoça], 1984.

¹⁵ B.N., cod. 4444, fol. 13.

QUADRO I

Esmolas dadas pelos familiares do Santo Ofício de Lisboa à confraria de S. Pedro Mártir em 1692

FONTE	NOME DO FAMILIAR	ESTATUTO	QUANTIA (em reis)	DATA
fol. 2	Luís de Brito	-	2400	20-3-1692
fol. 2	Pedro Soares	-	1680	31-3-1692
fol. 2v	Manuel Gomes	tirador de ouro	2400	23-4-1692
fol. 2v	Manuel da Costa Pereira	médico	2910	23-4-1692
fol. 3	Manuel Mendes	-	2400	24-4-1692
fol. 3	Matias Pacheco Pimentel	capitão	2600	28-4-1692
fol. 3	Baltasar Ferreira Vale	-	1920	6-6-1692
fol. 3v	Domingos Gonçalves Ribas	-	2017	7-7-1692
fol. 3v	Mateus Rodrigues	-	1920	22-7-1692
fol. 3v	Francisco Garcia de Lima	-	2400	9-8-1692
fol. 4	Sebastião da Silva Ferreira	-	3600	19-8-1692
fol. 4	André Vieira Marques	-	2400	29-8-1692
fol. 4-4v	António Gonçalves de Matos	-	2400	9-9-1692
fol. 4v	Francisco Lopes	tirador de ouro	1680	9-9-1692
fol. 4v	Francisco Lopes	sargento-mor	1200	20-9-1692
fol. 5	João Rodrigues de Morais	-	2400	1-10-1692
fol. 5	João Cabral de Mendonça	-	2400	23-10-1692
fol. 5v	Manuel Guedes de Mesquita	-	1200	23-10-1692
fol. 5v	Marquês de Fontes	-	4000	29-10-1692
fol. 6	Luís Simões de Azevedo	-	2400	20-10-1692
fol. 6	António Gomes do Rego	-	2040	22-10-1692
fol. 6	Brás de Oliveira Freire	médico	960	23-10-1692
fol. 6v	Bernardo Sanches Pereira	-	2400	23-10-1692
fol. 6v	Francisco Fernandes Aires	-	2400	29-10-1692
fol. 6v	Manuel da Rocha Mota	licenciado	2400	24-10-1692
fol. 7	José da Silva de Gouveia	-	1390	28-10-1692
fol. 7	Simão Franco Ribeiro	-	1440	29-10-1692
fol. 7	Domingos Álvares Reis	-	2400	27-12-1692

Fonte: A.N./T.T., Inquisição de Lisboa, liv. 79

QUADRO II

Esmolas dadas pelos familiares do Santo Ofício de Évora à confraria de S. Pedro Mártir em 1692

FONTE	NOME	FUNÇÃO	QUANTIA (em reis)	DATA
fol. 92	André Dias	comissário de Viana do Alentejo	2250	11-1-1692
fol. 92	Manuel da Nóbrega de Mesquita	comissário de Castelo de Vide	960	30-1-1692
fol. 92v	Frei Manuel de Taveira Frei João de Redondo	-	990	16-4-1692
fol. 92v	Francisco da Costa de Oliveira	comissário de Faro	960	21-4-1692
fol. 92v	licenciado Luís Ferreira da Costa	familiar em Évora	2400	30-4-1692
fol.92v-93	Frei Paulo de S. Januário	-	1200	9-8-1692
fol. 93	Padre Bernardo da Conceição	-	1010	20-8-1692
fol. 93	João Baião	familiar na Vidigueira	1200	27-8-1692
fol. 93	Manuel Dias	familiar em Castelo de Vide	750	13-9-1692
fol. 93v	Manuel de Melo e Andrade	-	2400	20-9-1692
fol. 93v	Pedro de Melo de Castro	familiar	2200	25-9-1692
fol. 93v	Francisco Velho de Carvalho	familiar	960	31-10-1692
fol.93v-94	Manuel da Silva	solicitador	480	31-10-1692
fol. 94	Manuel Marques da Costa	familiar	2400	14-11-1692

Fonte: A.N./T.T., Inquisição de Évora, liv. 109

QUADRO III

Esmolas dadas pelos familiares do Santo Ofício de Coimbra à
confraria de S. Pedro Mártir em 1692

FONTE	NOME	FUNÇÃO	QUANTIA (em reis)
fol. 82	Frei Urbano de Mesquita	qualificador	950
fol. 82	Heitor de Brito Pereira	comissário	480
fol. 82	Manuel Gomes	familiar	480
fol. 82	Doutor Pedro Rodrigues de Almeida	familiar	1200
fol. 82	António de Almeida Figueira	familiar	960
fol. 82v	Frei Félix Expedito	-	440
fol. 82v	Gonçalo Salvado	familiar	960
fol. 82v	Sebastião da Costa de Azevedo	familiar	720
fol. 82v	Bernardo Lourinda Ferreira	familiar	960
fol. 82v	António Fernandes Correia	familiar	960
fol. 83	Frei Ângelo de Brito	-	960
fol. 83	Francisco de Lemos Nápoles	familiar	960
fol. 83	Manuel de Sá de Vide	-	960
fol. 83	José Borges Monteiro	familiar	1200
fol. 83	Bento de Almeida Cabral	familiar	1200
fol. 83v	João da Fonseca Temudo	familiar	960
fol. 83v	António Álvares Monteiro	familiar	700
fol. 83v	João Velho Monteiro	familiar	700
fol. 83v	Manuel Machado de Miranda	familiar	1200
fol. 83v	Henrique Carneiro Girão	familiar	960
fol. 83v	Sebastião Dias Pinheiro	familiar	600
fol. 84	Geraldo da Fonseca	notário	960
fol. 84	Manuel Gomes	familiar	1200
fol. 84	Torquato Barbosa Soares	familiar	960
fol. 84	António Dias	familiar	1200
fol. 84	Doutor Pedro Álvares Garrido	-	2400

FONTE	NOME	FUNÇÃO	QUANTIA (em reis)
fol. 84	António de Paiva	familiar	800
fol. 84v	Teotónio Rebelo	familiar	1200
fol. 84v	Francisco João	familiar	1200
fol. 84v	João Lopes da Silva	familiar	1200
fol. 84v	Pedro Coelho	familiar	960
fol. 84v	Francisco de Chaves	notário	600
fol. 85	Doutor Manuel de Almeida	familiar	960
fol. 85	Paulo da Cunha	familiar	960
fol. 85	Padre Pedro Ferreira	notário	960
fol. 85	Manuel da Costa	familiar em Braga	1200
fol. 85	Doutor João Rodrigues	-	960
fol. 85	António Cerqueira	familiar	960
fol. 85v	Domingos Soares Prado	familiar	960
fol. 85v	Manuel Carvalho da Cunha	familiar em Braga	960
fol. 85v	Manuel Chichorro Pinheiro	familiar	960
fol. 85v	Matias Nunes	notário	480
fol. 85v	André da Costa	familiar em Viana do Castelo	1200
fol. 86	João Ribeiro Coelho	familiar	960
fol. 86	António Simões	-	960
fol. 86	Silvestre Luís de Carvalho	familiar	960
fol. 86	Brás Monteiro de Paiva	familiar	480
fol. 86	Agostinho Pinheiro de Moura	familiar	1200

FONTE: A.N./T.T., Inquisição de Coimbra, liv. 95

Os dados expressos nos quadros, não permitindo grandes conclusões, habilitam, contudo, a tecer alguns comentários. Assim, verifica-se em primeiro lugar que foi a Inquisição de Lisboa que maior quantia de esmolas arrecadou, concretamente, 59 357 reis, contra 44 150 em Coimbra e apenas 20 160 em Évora.

Também se observa que não há quantias fixas nas esmolas, ou seja, cada um dá um quantativo diferente. Apenas no caso de Lisboa as esmolas nesse ano partiram somente de familiares e foram feitas na altura da tomada de posse das funções. No caso de Coimbra e de Évora há uma mistura de comissários, notários, familiares e qualificadores e não ficamos a saber se fizeram a esmola na altura da posse ou não, sendo esta segunda hipótese a mais provável, uma vez que, como se viu pelo aquilo que o compromisso dizia, todos os anos os confrades eram obrigados a efectuar dádivas.

Os familiares surgem nesta amostragem com um peso muito superior aos ministros. De facto, se em Lisboa se conhecem apenas as esmolas dos familiares, em Évora os mesmos representam seis casos (42,8%), contra três de comissários, um de um solicitador e três não identificados. Em Coimbra a distância entre os 36 familiares (ou seja, 81,8%) e os cinco ministros (três notários, um comissário e um qualificador) é ainda maior.